



Um carro estaciona defronte a uma loja de tecidos, entre mais de uma dezena das que existem na rua do Taboão. O motorista, lá de dentro, pergunta: “Venha cá, irmão, tem cola Tek Bond?”. “Espera só um minuto, que tem a última aqui, vou pegar”, responde, alto, o vendedor Luiz da Silva, 20 anos, do outro lado da calçada. Some na loja e retorna com o produto. “Essa cola serve pra tudo, rapaz”, fala, com dose de exagero, enquanto o cliente faz rapidamente o pagamento.

O cotidiano daquela paragem é assim, muito movimento de gente, conversas e comércio, sobretudo de tecidos – de todos os tipos e por diversos cantos –, e cada vez menos edifícios residenciais e moradores.

No livro *Bahia de Todos os Santos: Guia de Ruas e Mistérios*, Jorge Amado descreve a tragédia do Taboão em meados do século passado. Os negócios e serviços ainda incipientes, o seu caráter de passagem, os casarões malcuidados, o contraste entre o dia, quando uma “vida regurgita, pobre mas ardente”, e a noite, quando se torna um cenário em que “ratos atravessam livremente de um lado para outro”.

Obviamente, não é mais aquilo que o escritor baiano enxergou há mais de 70 anos. Desenvolveu-se, virou um dos principais lugares de venda de produtos de tapeçaria, tecidos, persianas, estofados, e preserva outras atividades.

INTERLIGAÇÃO

A rua do Taboão (ou, como alguns preferem, Ladeira do Taboão) faz a interligação do Comércio com o Pelourinho, a Baixa dos Sapateiros e o Carmo. Os casarões antigos, que chegam a até cinco andares, abrigam nos cômodos superiores principalmente os depósitos das lojas que funcionam no térreo.

É possível encontrar também, no patamar intermediário dos edifícios, atividades diversas, de sapateiros até profissionais que oferecem serviços exóticos no mundo contemporâneo, como o conserto de máquina de escrever e fax.

Porém, ainda há habitantes e residências resistindo e persistindo. A moradora Solange de Souza, 62, que é dançarina e vendedora de cosméticos, conta que “antes tinha mais moradia, colocavam bandeiras no São João, todos sentavam na porta, os meninos brincavam de bola, e hoje só existem quatro residências em uma calçada e umas três na outra”.

Ao refletir sobre as transformações históricas, de um ponto de vista afetivo, ela afirma que sente muita falta dessa característica residencial. “É a principal mudança que vejo e não gosto. Era mais alegre”, diz a